

STARTUPS

O futuro esperado para hoje

CLARA TOLEDO
CORRÊA
claratoledo@toledocorrea.com.br

O cenário hoje ainda a ser desbravado pelas startups teve seus primeiros alicerces levantados há 20 anos por meio de empresas e instituições que visavam o âmbito de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D). Desde então, tentamos construir uma nova base econômica de grande potencial, porém, ainda

desnutrida. Embora todo esforço e construção realizados durante esses 20 anos tenham movimentado estimados R\$ 400 milhões em investimentos e retorno ao ano, ainda podem ser considerados tímidos e insuficientes para destacar nosso País, diante do mundo no cenário das startups. No entanto, os resultados começam a aparecer, como na região de Campinas, importante polo econômico do Estado de São Paulo, que em razão da presença da **Unicamp**, gera por

volta de 22 mil postos de trabalho.

Essa base ainda é desnutrida devido ao grande tamanho de nosso mercado interno e o receio de investidores estrangeiros diante de nosso mercado empreendedor. Embora contemos com boas aceleradoras de startups – empresas privadas que possuem capacidade de investimento próprio, agregando investidores, pesquisadores e empreendedores e que compartilham todo o conhecimento para orientar novas

empresas que nascem ou que buscam o crescimento e até incentivo público, como a Fapesp no Estado de São Paulo, todo esse esforço não está surtindo os efeitos desejados, ou esperados.

É evidente que ainda não atingimos o mercado externo, já que contamos com um mercado consumidor interno considerável, bem como não oferecemos segurança às figuras conhecidas como “Players”, o que chega a ser contraditório diante de informações que nos revelam que

o Brasil vem sendo considerado um bom país para se investir em tecnologia. Mas, isso pode ser desvendado quando evidenciamos que muitas das startups não possuem marcas, patentes e direitos autorais (softwares) registrados, assim como uma infinidade de contratos não formalizados ou mal elaborados. Ou seja, os requisitos básicos para garantir a qualquer investidor o que eles desejam: Segurança. Pelo menos o mínimo de formalidade diante de um mercado que trabalha com a incerteza – pois, sim, esses investidores arriscam em “ideias” que podem não vingar.

Ainda é necessário termos em mente que, além dessas formalidades, representando

um mínimo de segurança, inclusive, para os próprios fundadores de tais empresas, muitos investidores pretendem expandir, crescer e ir muito além do mercado interno.

Mais uma vez, vislumbramos que os empreendedores brasileiros possuem a “faca e o queijo” na mão, mas ainda há muito para mudar em termos de mentalidade. Resta agora saber, se o Brasil continuará a ser o país do futuro para as gerações que estão por vir e se tais gerações vão sentir o sabor do futuro que esperamos até hoje acontecer.

■ Clara Toledo Corrêa é advogada da Toledo Corrêa Marcas e Patentes